



# Relatório

## Avaliação Interna



**Comissão de Avaliação Interna**  
**2016**

## Índice

<b>1. Introdução.....</b>	<b>2</b>
<b>2. Enquadramento teórico da autoavaliação .....</b>	<b>3</b>
<b>3. Desenvolvimento do processo.....</b>	<b>5</b>
3.1. Enquadramento teórico .....	6
3.2. Desenvolvimento dos questionários .....	7
3.3. Definição das amostras .....	8
<b>4. Análise dos resultados dos inquéritos .....</b>	<b>9</b>
<b>4.1. Docentes .....</b>	<b>9</b>
<b>4.2. Alunos.....</b>	<b>18</b>
<b>4.3. Encarregados de educação .....</b>	<b>29</b>
<b>8. Conclusão .....</b>	<b>40</b>

# 1. Introdução

A avaliação das escolas tem surgido nos últimos anos, de uma forma decretada, como o garante da qualidade de ensino.

A adesão de um número cada vez maior de escolas a experiências de autoavaliação exemplifica o reconhecimento, por parte dos atores educativos, da função que esta tem no desenvolvimento das organizações escolares e dos seus profissionais.

A autoavaliação promove nas escolas uma reflexão profunda sobre as suas práticas, envolvendo todos os atores. Esta reflexão deveria levar a uma melhoria dos seus pontos fracos então detetados e a uma posterior meta-avaliação que verifique a qualidade dessa avaliação. No pressuposto de que “ *a vida da escola é um composto de múltiplas perspetivas e a escolha de uma abordagem avaliativa requer, por isso mesmo, uma sensibilidade para a complexidade inerente a cada aspeto da vida da escola.*”(MacBeath, 2005, p. 177)<sup>1</sup>.

Neste ano letivo, esta Comissão entendeu centrar-se na avaliação dos seguintes domínios: Processos a nível de escola e o Meio. Com o objetivo de conseguirmos os fins enunciados, organizámos da seguinte forma o nosso trabalho: elaboração e aplicação de inquéritos por questionário a alunos, docentes, encarregados de educação e instituições parceiras da escola; análise dos resultados dos inquéritos e elaboração deste relatório.

---

<sup>1</sup> Macbeth, J. *et al* (2005). *A História de Serena*. Porto. Edições ASA.

## 2. Enquadramento teórico da autoavaliação

Como refere o Relatório da ESIS, em 2000, (cit. in Alaiz, 2003, p. 19)<sup>2</sup>, a avaliação interna das escolas ou autoavaliação é “(...) o processo pelo qual uma escola é capaz de olhar criticamente para si mesma com a finalidade de melhorar posteriormente os seus recursos e o seu desempenho.”

A avaliação interna apresenta um conjunto de características que lhe estão inerentes, tais como:

- é um processo de melhoria das escolas;
- é um exercício coletivo, assente no diálogo e confiança;
- é um processo de desenvolvimento profissional;
- é um ato de responsabilidade social;
- é uma avaliação orientada para a utilização;
- é um processo conduzido internamente com intervenção externa.

Para autores como Vítor Alaiz (2003, p. 16)<sup>3</sup> a avaliação interna:

*“é aquela em que o processo é conduzido e realizado exclusivamente por membros da comunidade educativa da escola. Pode ser definida como a análise sistemática de uma escola, realizada pelos membros de uma comunidade escolar com vista a identificar os seus pontos fortes e fracos e a possibilitar a elaboração de planos de melhoria.”*

Ainda para este autor, a autoavaliação é um modelo “aberto”, sem procedimentos obrigatórios, nem indicadores previamente estabelecidos, centrada na satisfação das necessidades dos destinatários dos serviços oferecidos pela instituição; sem adoção prévia de quaisquer “critérios nacionais de avaliação”. No entanto, só com a execução e avaliação de um “Plano de Ação para a Melhoria da Qualidade” o “ciclo” do processo ficará concluído. Poderá ainda ser aperfeiçoada por um “amigo crítico” que possibilita o cruzamento do “olhar” externo com a reflexão interna.

Segundo Alaiz (2003)<sup>4</sup>, o importante é como se usam os dados tendo sempre com perspetivas melhorar o futuro e envolver os atores.

Ou ainda, segundo MacBeth (2005)<sup>5</sup>, o caminho para a autoavaliação deverá ser traçado pela própria escola, envolvendo e visando a participação de todos os atores e promovendo a reflexão sobre objetivos, práticas e resultados.

---

<sup>2</sup> Alaiz, V., et al (2003). Auto-Avaliação de Escolas: Pensar e Praticar. Porto. Edições ASA.

<sup>3</sup> Obra citada

<sup>4</sup> Obra citada

<sup>5</sup> Macbeth, J. et al (2005). A História de Serena. Porto. Edições ASA.

A autoavaliação não é um fim em si mesma. Ela exige uma contínua reflexão e implementação de planos de melhoria que por sua vez serão avaliados. A avaliação da auto-avaliação, meta-avaliação, é assim fundamental para se verificar a qualidade do processo efectuado.

### 3. Desenvolvimento do processo

Neste ano letivo, esta autoavaliação centrou-se em duas das dimensões que estão, legalmente, estabelecidas. Partindo do modelo “Perfil de Autoavaliação das Escolas” (PAVE), que toma como ponto de partida doze áreas da vida da escola, que pretendem abrir a discussão sobre a qualidade e eficácia da escola:

<p><b>Resultados:</b> Resultados escolares Desenvolvimento pessoal e social Saídas dos alunos</p>	<p><b>Processos a nível de sala de aula:</b> O tempo como um recurso de aprendizagem Qualidade da aprendizagem e do ensino Apoio às dificuldades de aprendizagem</p>
<p><b>Processos a nível da escola:</b> A escola como um local de aprendizagem A escola como um local social A escola como um local profissional</p>	<p><b>O Meio:</b> Escola e família Escola e comunidade Escola e trabalho</p>

Este Perfil de Autoavaliação das Escolas, trata-se de um modelo aberto, pois não tem procedimentos obrigatórios e não tem indicadores previamente estabelecidos, dando margem de manobra às escolas para estas puderem adicionar as suas próprias categorias.

Os objetivos deste modelo são bem claros, segundo MacBeath (2005, p. 181)<sup>6</sup>:

1. *Promover uma discussão séria e objetiva entre todos os grupos de atores, favorecendo a criação de uma cultura de avaliação mais aprofundada e de autoavaliação permanente;*
2. *Conseguir uma imagem da escola tal como é vista por professores, alunos e pais;*
3. *Ajudar a identificar e a definir áreas prioritárias para avaliar com maior profundidade.*

A aplicação deste modelo tem vindo a ser efetuada pela Comissão de Autoavaliação, com a “ajuda” de um amigo crítico que teve, entre outras, as seguintes tarefas apresentadas por MacBeath (2005, pp. 186 – 187)<sup>7</sup>:

- *apresentar o projeto, clarificar os objetivos e criar um clima relacional propício à sua realização;*
- *ajudar a ultrapassar os momentos de dificuldades na análise do PAVE;*
- *aconselhar na seleção e na utilização dos instrumentos de avaliação;*
- *participar na fase de interpretação dos dados.*

<sup>6</sup> Obra citada.

<sup>7</sup> Obra citada.

Os Domínios e áreas a avaliar, neste ano letivo, foram determinadas em reunião da Comissão e estes encontram-se definidos no quadro seguinte:

Domínio	Áreas	
<b>Processos a nível da escola</b>	A escola como um local social	Indisciplina na sala de aula
<b>O Meio</b>	Escola e comunidade	Parcerias

### 3.1 - Enquadramento Teórico

#### Indisciplina na sala de aula

A indisciplina na aula concretiza-se no “incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas e, ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor, enquanto pessoa e autoridade”<sup>8</sup> (Amado, 1999).

Ainda segundo João Amado os atos de indisciplina podem subdividir-se em três níveis diferentes. No “Primeiro Nível - «*Desvios às regras da produção*»: abarca aqueles incidentes a que é imputado um carácter «disruptivo», em virtude da «perturbação» que causam ao «bom funcionamento» da aula (para utilizar uma expressão frequentemente utilizada pelos professores), traduzindo-se, na sua essência, em manifestações de «fuga à tarefa»; Segundo Nível - «*Conflitos inter-pares*»: abrange os incidentes que traduzem, essencialmente, as dificuldades de relacionamento entre os alunos da turma e não só; Terceiro Nível - «*Conflitos da relação professor-aluno*»: é composto por comportamentos que, de algum modo, põem em causa a autoridade e o estatuto do professor” (Amado, 1999).

Neste âmbito, analisámos a indisciplina no contexto de sala de aula, através da aplicação de inquéritos por questionário aos docentes, alunos e encarregados de educação.

<sup>8</sup> AMADO, João (1999). Indisciplina na Aula - Regras, Tarefas e Relação Pedagógica *Psicologia, Educação e Cultura*, (Colégio dos Carvalhos). Vol. III, no.1, pp.53-71

## As Parcerias

Na tentativa de dinamizar as relações entre a Escola o Meio, e com o objetivo de promover vivências estimulantes que promovam o desenvolvimento pessoal e social dos nossos alunos, a Escola estabelece parcerias com instituições que contribuem para a plena integração escolar dos alunos.

Na tentativa de analisar as percepções que têm acerca das atividades que desenvolvem as principais entidades parceiras da escola, elaboramos um questionário que de seguida explicaremos.

### 3.2 - Desenvolvimento dos questionários

Neste ano letivo, a Comissão desenvolveu o seu trabalho de recolha de informação, através da realização de inquéritos por questionário procurando envolver toda a comunidade.

De acordo com Ghiglione e Matalon<sup>9</sup> (2001), o inquérito por questionário é uma técnica de recolha de dados de forma padronizada e tem como objetivo obter de forma sistemática e ordenada informação de uma determinada população a investigar, recolhendo informação sobre o que essa população faz, pensa, sente, aprova ou desaprova.

No âmbito do questionário dirigido às questões da indisciplina na sala de aula, o questionário foi elaborado tendo por base um outro inquérito por questionário<sup>10</sup>, mas adaptado à nossa realidade e ao que pretendíamos avaliar. Partindo de um conjunto de questões base, foram elaborados três questionários diferentes para os três grupos que pretendíamos inquirir.

Os questionários a aplicar aos alunos, docentes e encarregados de educação são constituídos por três partes, com temáticas diferentes. Na primeira parte do questionário, estão questões de caracterização das nossas amostras, obtendo dados sobre o sexo, a idade, entre outros. A segunda parte do questionário tem perguntas relativas à vida na escola (‘Consideras a escola importante na tua vida?’; ‘Com que frequência o teu encarregado(a) de educação vem à escola?’; ‘Quais são os tipos de aula que gostas mais?’; ‘Na tua opinião, quais são as características essenciais que um professor deve ter?’). Na terceira e última parte, estão as questões relativas à disciplina/indisciplina na sala de aula.

Elaboramos ainda um outro questionário, com o objetivo de ser aplicado apenas às instituições parceiras da escola. Este questionário tinha apenas questões abertas e pretendia recolher informação sobre: os principais objetivos da parceria estabelecida com a Escola; vantagens e desvantagens dessa parceria, atividades que desenvolve a instituição parceira e que promovem o desenvolvimento global dos alunos, de que forma são avaliadas as atividades desenvolvidas e se essa avaliação é partilhada com a escola. E por fim, sugestões de melhoria para a parceria.

<sup>9</sup> GHIGLIONE, R., & MATALON, B. (2001). O Inquérito (4ª ed.). (C. L. Pires, Trad.) Lisboa: Celta

<sup>10</sup> Questionário sobre indisciplina, Avaliação Interna da Escola Secundária de Lousada:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSd8bgrPmgP4SiBEufn9bQaopiQqhAK1Xza2w61ECWWXemndog/viewform?forkey=dHVIV2p2V2ktMDcybnVCUjNab1BvT0E6MA>

### 3.3. Definição das amostras

Segundo Tuckman (1994, p. 338), “A população (ou grupo-alvo) utilizada num estudo em que se recorra ao questionário ou à entrevista, é o grupo sobre o qual o investigador tem interesse em recolher informação e extrair conclusões.” O questionário, segundo Tuckman (1994), é usado para “(...) *transformar em dados a informação directamente comunicada por uma pessoa (ou sujeito). Ao possibilitar o acesso ao que está dentro da cabeça de uma pessoa, estes processos tornam possível medir o que uma pessoa sabe (informação ou conhecimento), o que gosta e não gosta (valores e preferências) e o que pensa (atitudes e crenças)*” (p. 307)

A Comissão começou por definir que o primeiro questionário, já mencionado, seria aplicado aos alunos, encarregados de educação e docentes usando a plataforma Google Docs, permitindo assim uma recolha e análise de resultados mais eficazes e céleres.

Inicialmente, foram definidos seis números de todas as turmas que corresponderiam aos alunos a serem chamados a responder ao questionário, procurando perfazer assim uma amostra de cerca de 20% dos alunos a responderem ao questionário.

De seguida, foram aplicados aos pais/encarregados de educação, também seis por turma, aleatoriamente, no processo de matrículas, através de solicitação feita aos diretores de turma.

Por último foi solicitado aos docentes do agrupamento que respondessem ao questionário através do *link* enviado para o email institucional de cada docente.

Com estes inquéritos pretendia-se saber qual é a perceção que cada grupo tem sobre a questão da (in)disciplina na sala de aula.

No segundo, inquérito, foi discutido em reunião de Comissão quais seriam as instituições a serem inquiridas, e foi entender desta equipa que deveríamos questionar os parceiros que têm uma participação mais ativa na escola, a saber: Câmara Municipal, Santa Casa da Misericórdia, Bombeiros Voluntários, Centro de Saúde e GNR.

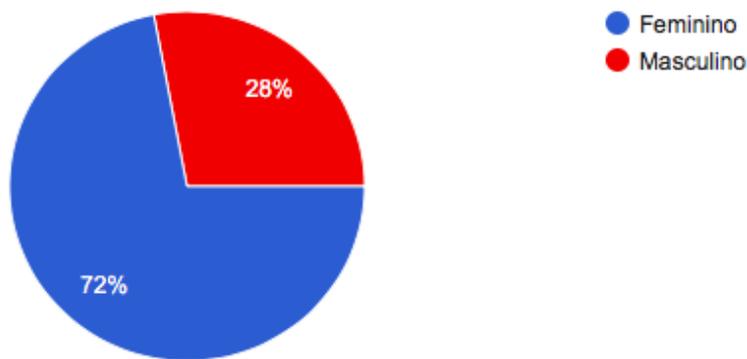
## 4. Análise dos resultados dos inquéritos

### 4.1. Docentes

Relativamente às questões de identificação deste grupo de inquiridos, foram obtidos os seguintes resultados:

Idades	Docentes
Entre 30 e 39 anos	6%
Entre 40 e 49 anos	48%
Entre 50 e 59 anos	44%
Com 60 anos ou mais	2%

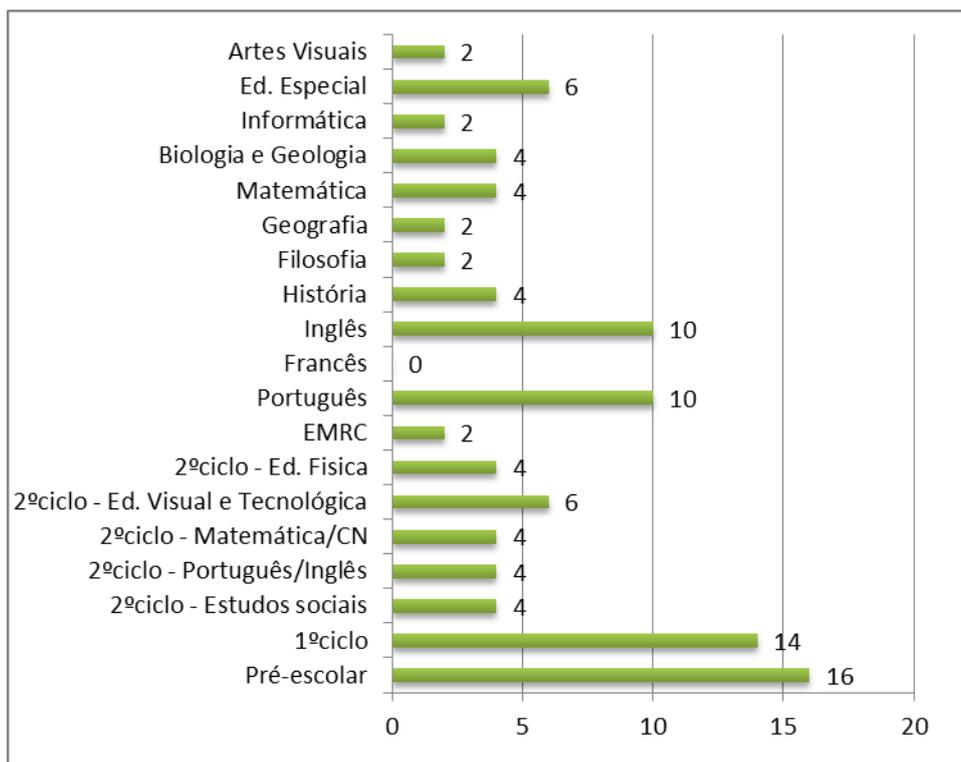
Pela análise da tabela conclui-se que os docentes têm na sua maioria idades compreendidas entre os 40 e os 59 anos.



Segundo os resultados apresentados no gráfico é de concluir que prevalece o sexo feminino no corpo docente do agrupamento.

Anos de serviço	Docentes
Menos de 15 anos	10%
Entre 16 e 25 anos	46%
Entre 26 e 35 anos	40%
36 ou mais anos	5%

Da análise do quadro conclui-se que uma grande percentagem de docentes tem entre 16 e 25 anos de serviço de docência (46%).



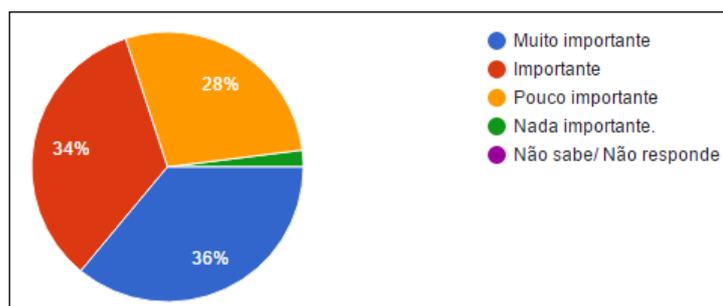
Analisando o gráfico, é possível verificar que o maior número de inquiridos pertence ao grupo de recrutamento do pré-escolar, logo seguido pelo 1º ciclo do ensino básico. Posteriormente, os dois grupos mais representados, são os grupos de Português e de Inglês.

Analisando o quadro, pode concluir-se que a grande maioria dos docentes que respondeu ao inquérito pertence ao Quadro de Agrupamento.

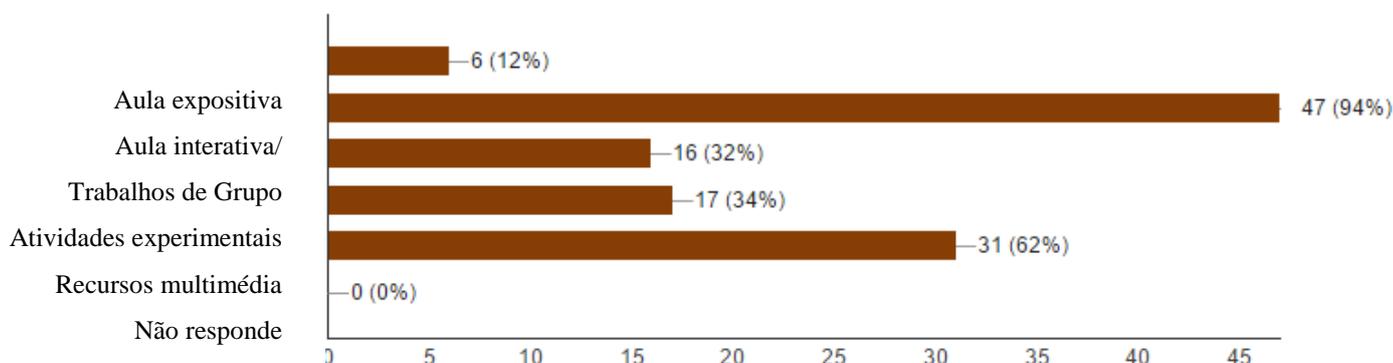
Situação Profissional	Docentes
QA	74%
QZP	8%
CONTRAT	10%
OUTROS	8%

Quanto às questões relacionadas com a problemática em análise, podemos constatar o seguinte:

À questão “**Como classifica a importância que os alunos conferem à escola**”, a grande maioria dos docentes considera que os alunos acham que a escola é “Muito importante” (36%) e “Importante” (34%). Sendo de realçar também, que 28% dos docentes assinalam que a escola para os alunos é “Pouco importante” e 2% nada importante, como se pode verificar no gráfico seguinte.



Relativamente à questão “**Quais são os tipos de aula que usa mais?**“, os docentes assinalam maioritariamente a opção “Aula interativa” (94%), seguida da opção “Aula em que são usados recursos multimédia (62%).



Relativamente à questão “**Na sua opinião, quais são as características essenciais que um professor deve ter?**“, a característica “Competente” foi mencionada 13 vezes, a “Profissional” 12 vezes, seguidas do “Rigor” e “Justo”, com 6 menções cada. As características “Exigente” e “Boa preparação científica” surgem em 4 respostas cada.

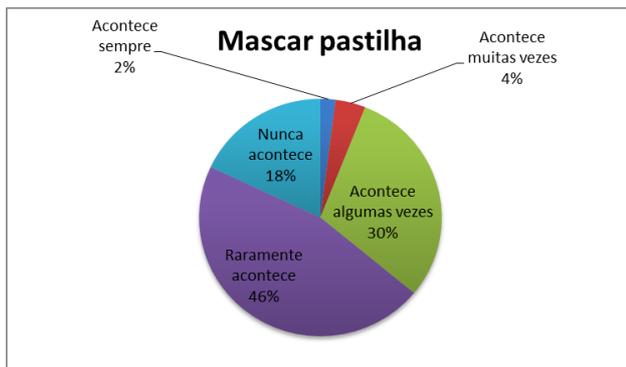
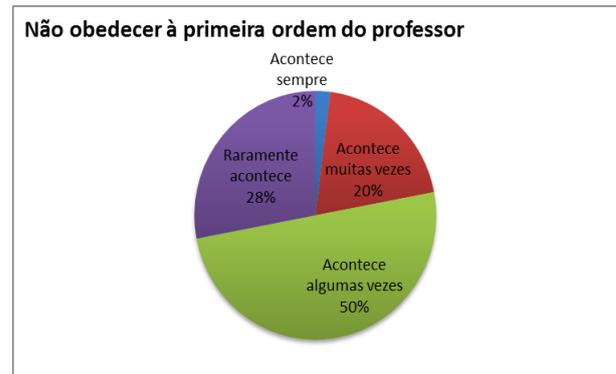
Caraterísticas mais atribuídas
Profissional
Preparação científica
Preparação pedagógica
Competência
Capacidade comunicação
Colaborativo
Justo (justiça)
Tolerante
Educador
Liderança
Exigente
Rigor
Responsável
Assertivo
Simpático
Ter vocação
Bom ouvinte/comunicador
Manter disciplina/respeito
Manter-se atualizado (cientificamente)

Perante a questão “**Dos comportamentos que de seguida apresentamos, quais são os que os seus alunos costumam ter na sala de aula**”, obtiveram-se os resultados apresentados nos seguintes gráficos:



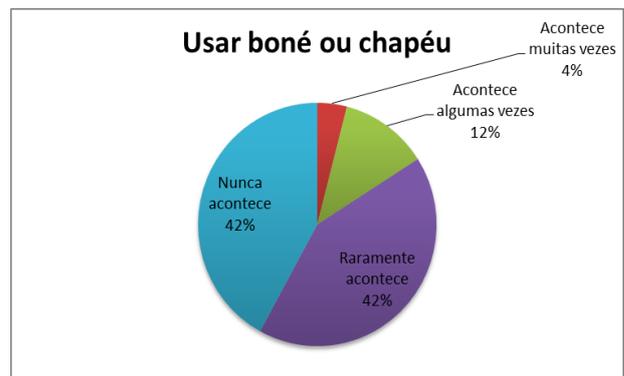
A maioria dos docentes inquiridos (46%) refere que este comportamento ocorre nas suas aulas algumas vezes, 34% que acontece muitas vezes, 12% que raramente acontece e 8% refere que acontece sempre.

Relativamente ao comportamento “Não obedecer à primeira ordem do professor”, 20% dos docentes refere que este comportamento ocorre muitas vezes nas suas aulas, 50% que acontece algumas vezes, 28% que raramente acontece e 8% que acontece sempre.

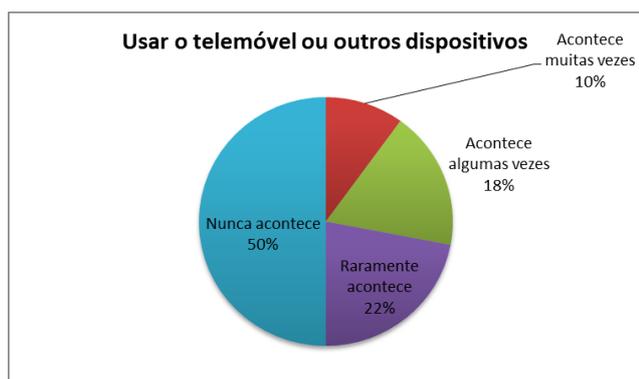
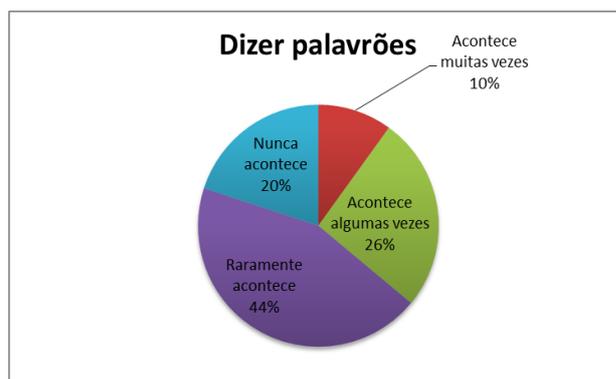


No que concerne ao comportamento “Mascar pastilha elástica”, 46% dos docentes assinala que este comportamento raramente acontece, 30% que acontece algumas vezes, 18% refere que nunca acontece, 4% que acontece muitas vezes e 2% que acontece sempre.

De salientar que 84% dos docentes assinala que o comportamento “Usar boné ou chapéu”, nunca acontece ou raramente acontece na sua sala de aula. Apenas 12% dos inquiridos referem que acontece algumas vezes e 4% que acontece muitas vezes. A opção “Acontece sempre”, não foi assinalada nenhuma vez.



Relativamente ao comportamento “Dizer palavrões”, 44% dos docentes considera que raramente acontece nas suas aulas, 26% que acontece algumas vezes, 20% que nunca acontece, 10% assinala que acontece muitas vezes e mais uma vez a opção “Acontece sempre”, não foi assinalada nenhuma vez.



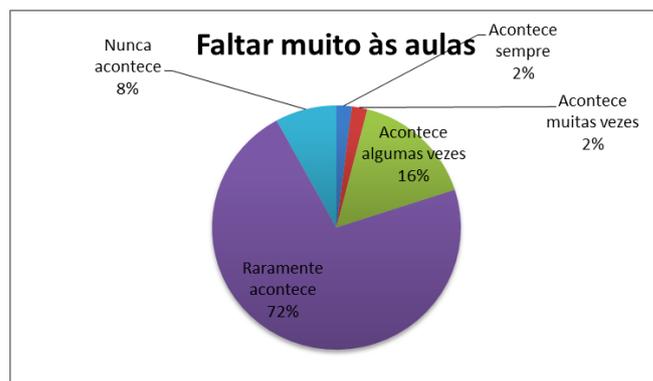
De salientar que 50% dos docentes inquiridos refere que o comportamento “Usar o telemóvel ou outros dispositivos”, nunca ocorre nas suas aulas. 22% assinalam que raramente acontece, 18% que acontece algumas vezes e 10% considera que acontece muitas vezes.

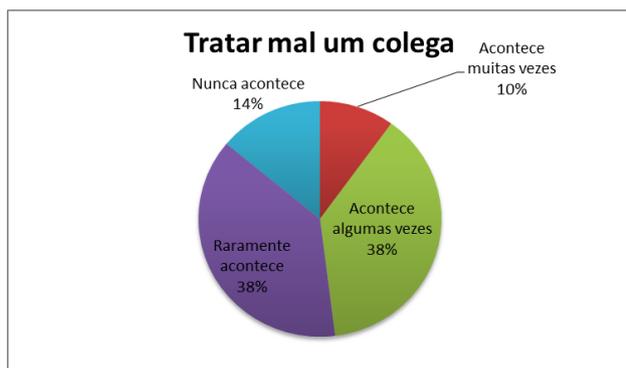
No que concerne ao comportamento “Recusar fazer as atividades sugeridas pelo professor”, 8% revela que nunca acontece, 54% que raramente acontece, 34% que acontece algumas vezes e 4% que acontece muitas vezes.



Relativamente ao comportamento “Chegar com frequência atrasado às aulas”, 76% dos docentes assinala que este, raramente ou nunca acontece, 22% refere que acontece algumas vezes e 2% que acontece muitas vezes.

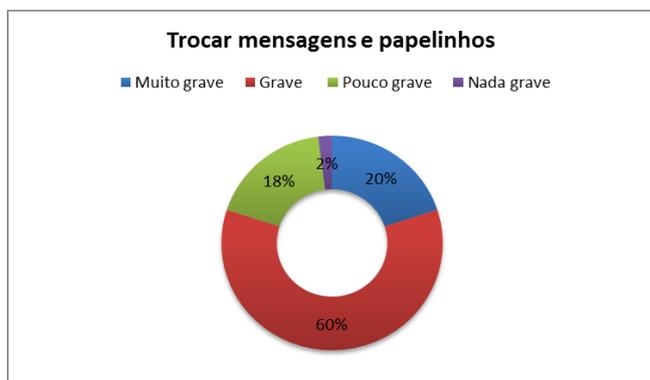
De salientar que 80% dos inquiridos refere que este comportamento raramente ou nunca acontece, 16% que acontece muitas vezes e 8% que acontece sempre ou muitas vezes.





Relativamente ao comportamento “Tratar mal um colega”, 38% dos docentes assinala que raramente acontece, 38% que acontece algumas vezes, 14% que nunca acontece e 10% que acontece muitas vezes.

No que concerne à questão “Na sua opinião, qual é o grau de gravidade dos seguintes comportamentos“, de acordo com os resultados apresentados nos gráficos seguintes, pode concluir-se que a “Agressão ao professor”, “Agressão ao colega”, “Gozar o professor” e “Gozar com o colega” são os comportamentos considerados pelos docentes como sendo os mais graves.



60% dos inquiridos considera este comportamento grave, 20% muito grave, 18% pouco grave e 2% nada grave.

Relativamente ao comportamento “Falar em voz baixa”, 50% dos docentes considera-o pouco grave, 26% nada grave, 22% grave e apenas 2% muito grave.



De salientar que 78% dos inquiridos considera o comportamento “Fazer perguntas pouco adequadas às aulas”, um comportamento grave ou muito grave. Os restantes 22% consideram-no pouco grave.

No que concerne ao comportamento “Não acatar as ordens do professor”, 82% considera-o muito grave, 16% grave e 2% como um comportamento nada grave.



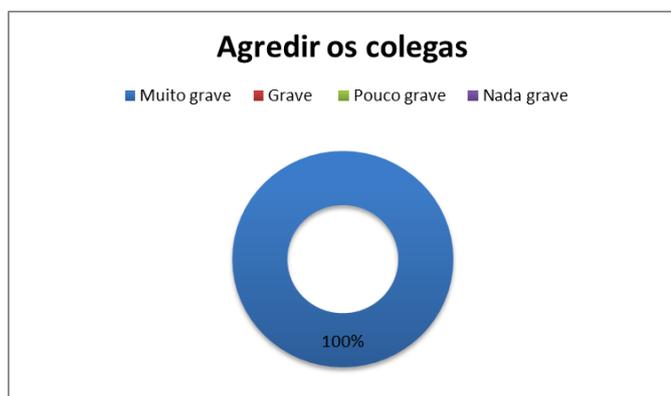
Relativamente ao comportamento “Gozar os colegas”, 90% dos docentes considera-o muito grave e os restantes 10% assinala-o como grave.

De salientar que a totalidade dos inquiridos considera o comportamento “Gozar o professor”, como muito grave.



62% dos docentes considera o ato de recusar-se a trabalhar muito grave e os restantes 38%, como grave.

Relativamente aos comportamentos “Agredir os colegas” e “Agredir os professores” todos os docentes que responderam ao questionário, os consideraram comportamentos muito graves.

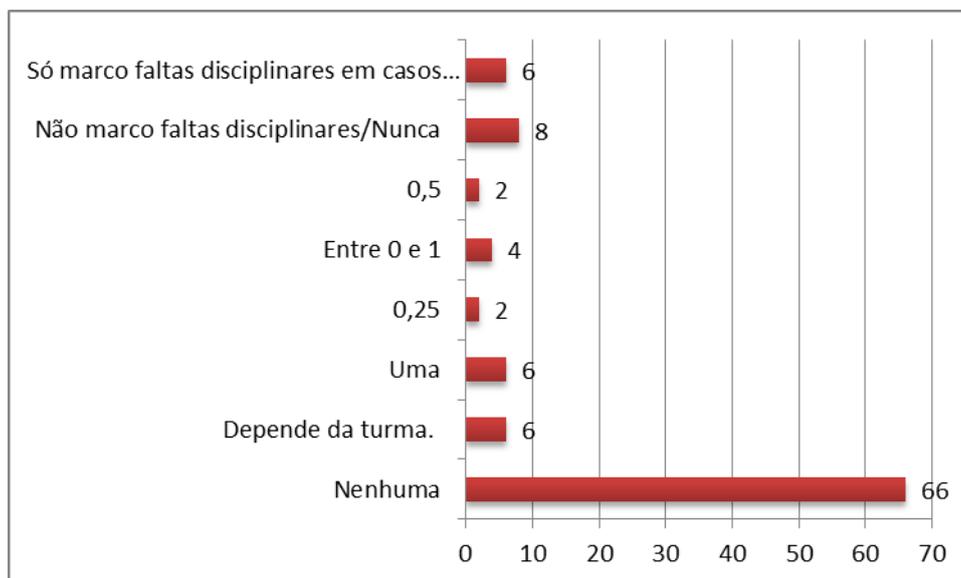


Quando confrontados com a questão “**Quando um aluno na sua aula tem um comportamento indisciplinado, como reage habitualmente**”, 32% dos docentes afirma que alerta ou chama a atenção do aluno e 20% que conversa com o aluno.

### **Quando um aluno na sua aula tem um comportamento indisciplinado, como reage habitualmente?**

Converso com o aluno	20%
Alerto ou chamo à atenção o aluno	32%
Depende da gravidade do comportamento. O aluno é simplesmente advertido ou, numa situação mais grave, é encaminhado para os locais mais adequados.	12%
Castigo o aluno	10%
Encaminho para o GAAP	4%
Converso com o aluno e tento estabelecer um acordo com ele	4%
Cada situação é única, por isso não tenho um comportamento padrão	2%
Resolvo o problema	4%
1º chamo à atenção; Depois mando para a rua	2%
Repreendo o aluno	10%

Analisando o gráfico relativo à questão “**Número de faltas disciplinares marcadas numa semana**”, podemos depreender que a grande maioria dos docentes respondeu “Nenhuma” (66%), ressaltando alguns deles que a marcação de falta disciplinar pode ser influenciada pelo perfil da turma ou a gravidade da situação verificada.



Quanto às **Estratégias sugeridas à Direção da Escola para combater a indisciplina**, foram mais mencionadas pelos docentes: “Agir em conformidade com o Estatuto do aluno/Regulamento interno. Aplicar as sanções previstas”; “Responsabilização dos Encarregados de Educação pelos atos dos seus

educandos”; seguidas pela proposta “Ações de sensibilização/formação para os Encarregados Educação nestas temáticas”, que os docentes consideram que deveriam ser obrigatórias.

#### Por fim, que estratégias sugere à Direção da escola para combater a indisciplina no contexto escolar?

Sensibilização/formação de todos os atores para esta problemática;	6,35%
Agir em conformidade com o Estatuto do aluno/Regulamento interno. Aplicar as sanções previstas.	15,87%
Ações de sensibilização/formação para os Encarregados Educação nestas temáticas	9,52%
Debater o tema com os professores, funcionários e os pais e definir regras claras e comuns a todos os intervenientes (assumindo posições claras quanto ao assunto)	4,76%
Responsabilização dos Encarregados de Educação pelos atos dos seus educandos	15,87%
Aposta forte na prevenção;	3,17%
Fazer assumir responsabilidade aos alunos pelos comportamentos impróprios	6,35%
Uma atitude de efetiva autoridade.	4,76%
Tanto as medidas corretivas como as sancionatórias deviam ser divulgadas às turmas, em sala de aula, para que tivessem mais cautela ou receio da atuação da escola.	3,17%
Os alunos que não cumprem regras devem ter sempre um castigo, adequado à gravidade de cada situação.	3,17%
Propor atividades em que o aluno se sinta realizado e responsável.	3,17%
Ações para os alunos sobre atitudes a ter na sala de aulas, ações com a GNR, entre outras. Investir na formação em gestão de conflitos	4,76%
Realização de trabalho comunitário	4,76%

Apesar de não terem reunido um grande número de consensos dentro da comunidade docente inquirida, houve algumas sugestões dadas que poderão abrir novas formas de encarar a questão da indisciplina no contexto de sala de aula. Assim, um professor propõe que se “Estabeleça um código de conduta, em Conselho Pedagógico, a fazer cumprir por todos os docentes e um normativo com as penalizações para os incumpridores”. Outro docente considera que quando “um aluno é excluído da sala de aula devia ser enviado para uma sala própria para o efeito, o encarregado de educação devia ser chamado imediatamente à escola e o aluno não sairia dessa sala sem falar com o encarregado de educação”, outro docente acrescenta que os alunos reincidentes no seu comportamento deveriam, inicialmente, ser encaminhados para os técnicos do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família/Serviço de Psicologia e Orientação e, caso esses alunos não alterem o seu comportamento, as respetivas famílias deveriam ser sujeitas ao pagamento de uma multa.

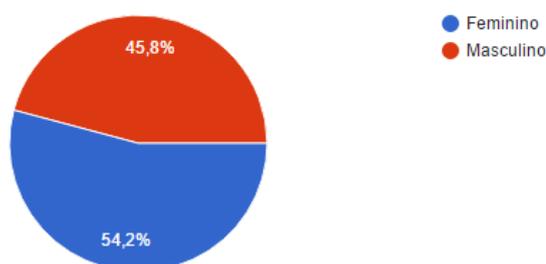
Há ainda um professor que recomenda o “acompanhamento em contexto de aula por outro docente em aulas interpares para deteção dos factores de risco recorrentes” e o desenvolvimento de “atividades de acompanhamento extracurriculares de formação aos discentes, em cidadania e comportamentos assertivos”.

## 4.2. Alunos

Quanto às questões de identificação deste grupo, a análise permitiu constatar que relativamente à idade dos inquiridos estes se distribuíram da seguinte forma por grupos etários:

Idades	Alunos
3 a 5	5,19%
6 a 10	26,89%
11 a 15	43,39%
16 a 20	24,06%
21 ou mais	0,47%

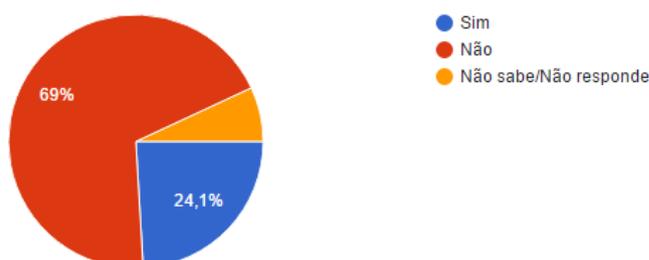
No gráfico relativo ao “Sexo” dos inquiridos, podemos verificar que são maioritariamente do sexo feminino.



Considerando o ano de escolaridade, os inquiridos distribuíram-se da seguinte forma:

Escolaridade	Nº alunos
Pré	13
1º	6
2º	14
3º	8
4º	13
5º	26
6º	18
7º	22
8º	20
9º	28
10º	16
11º	16
12º	12

À questão “**Já alguma vez reprovaste?**”, as respostas ficaram assim divididas:



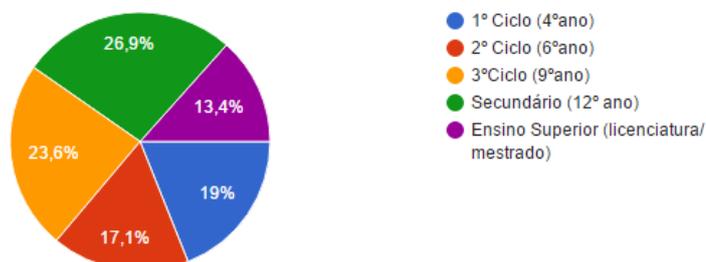
A grande maioria dos alunos (69%), afirmam nunca ter reprovado e apenas 24,1% dos mesmos assinala ter reprovado ao longo do seu percurso escolar. Destes 24,1%, responderam à questão “**Em que ano?**”, da seguinte forma:

Ano	Nº retenções
2º	9
3º	2
4º	10
5º	7
6º	9
7º	5
8º	10
9º	9
10º	3
11º	3

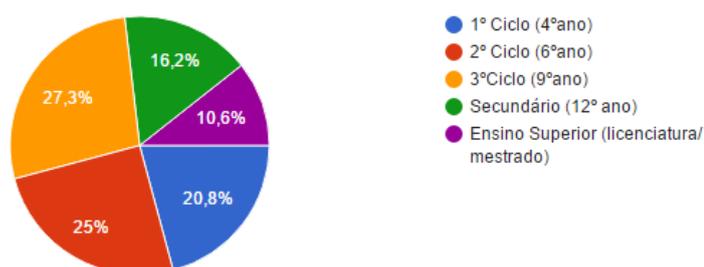
Da análise do quadro podemos aferir que os 2º, 4º, 6º, 8º e 9º anos, são os anos de escolaridade em que se verificam mais retenções.

Nas questões relacionadas com a escolaridade dos pais foram obtidos os seguintes resultados:

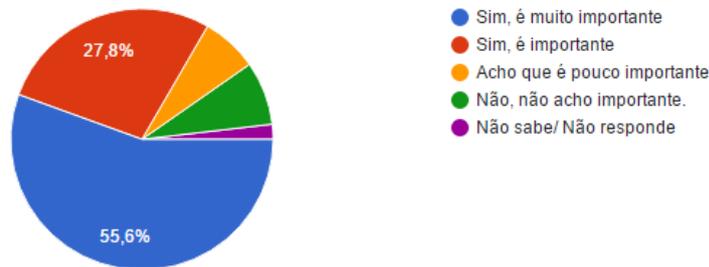
Relativamente à “**Escolaridade da mãe**” há uma certa homogeneidade entre os grupos de resposta, salientando-se que 26,9% das mães têm o ensino secundário; 40,3% têm o ensino secundário ou superior. E 40,7% têm entre o 2º e o 3º ciclos de escolaridade.



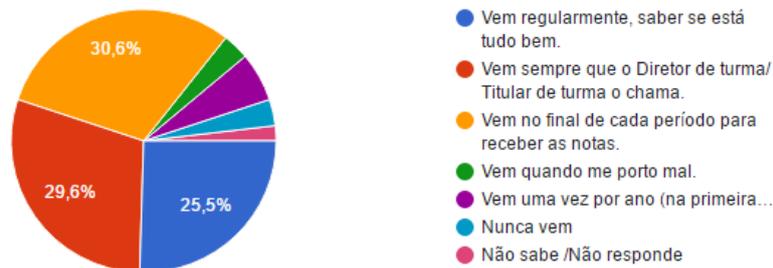
Quanto à “**Escolaridade do pai**”, na sua maioria possuem o 2º ou 3º ciclos (52,3%). Quando comparamos as habilitações dos pais dos inquiridos com as das suas mães, verificamos que a quantidade de pais com o ensino secundário ou ensino superior desce para quase metade, em comparação com as habilitações das mães.



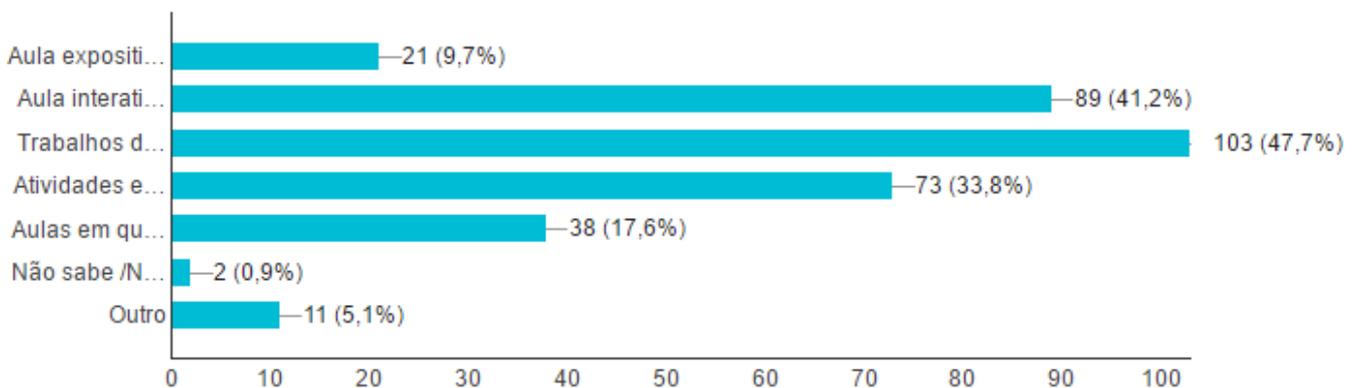
Na questão **“Consideras a escola importante na tua vida?”**, mais de metade dos inquiridos responderam que sim, é muito importante (55,6%). Ainda assim, há um conjunto de alunos (7,9%) que não a acha importante e 6,9% que a considera pouco importante.



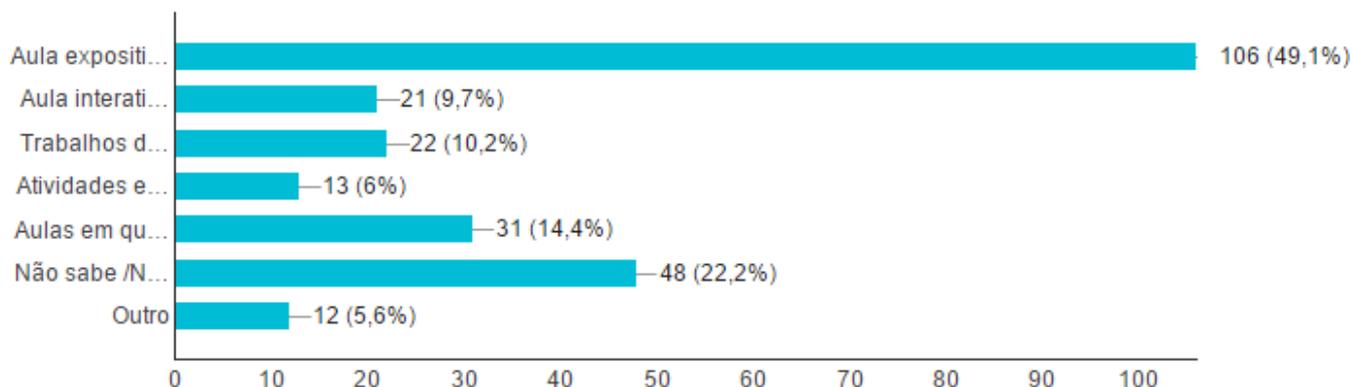
Quando questionados **“Com que frequência o teu encarregado de educação vem à escola?”**, as repostas dividem-se pelas opções: “Vem no final de cada período para receber as notas” (30,6%); “Vem sempre que o Diretor de Turma / Titular de Turma o chama” (29,6%) e “Vem regularmente, saber se está tudo bem” (25,5%). 6% dos alunos refere que os seus Encarregados de Educação só vêm à escola uma vez por ano, 3,2% dos alunos refere que o seu encarregado de educação nunca vem à escola e 3,2% quando ele se porta mal.



Na questão **“Quais são os tipos de aula que gostas mais?”**, 47,7% dos alunos optou pelos trabalhos de grupo e 41,2% pela aula interativa/participativa. Ainda assim, as respostas foram divididas também por: 33,8% atividades experimentais; 17,6% aulas em que são usados recursos multimédia; 9,7% aula expositiva/teórica. 0,9% não sabem ou não respondem e 5,1% assinalaram outro tipo de aula.



Já na questão contrária, **”Quais os tipos de aula que gostas menos?”**, 49,1% assinalou a aula expositiva como a menos atractiva, seguindo-se a resposta não sabe ou não responde, com 22,2%. Seguidamente, 14,4% afirmaram não gostar das aulas em que são usados recursos multimédia e 10,2% não gostam de trabalhos de grupo. 9,7% afirmaram gostar menos de aulas interativas/participativas e 6% de atividades experimentais. 5,6% afirmaram ainda, não gostar de outro tipo de aulas, como por exemplo, as que envolvem testes ou momentos de avaliação.



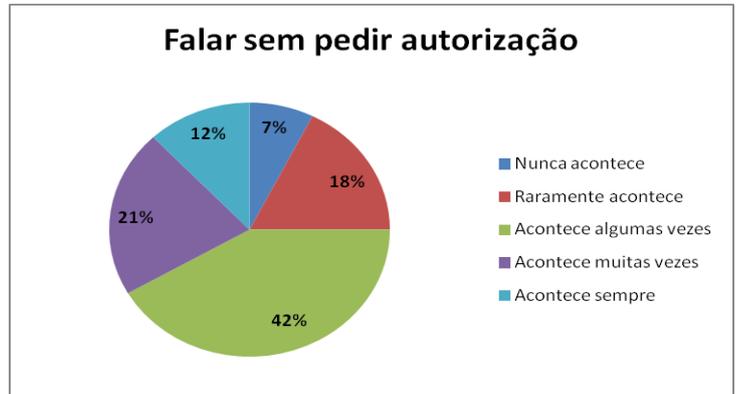
O resultado da questão **“Na tua opinião, quais são as características essenciais que um professor deve ter?”**, está referenciado no quadro seguinte:

Características mais evidenciadas	
Explicar bem/Ensinar bem	73
Amigo	19
Simpático	23
Compreensivo	9
Divertido/Boa disposição	33
Exigente/Disciplina	11
Educado/respeitar os alunos	11
Comunicador/ouvinte	9

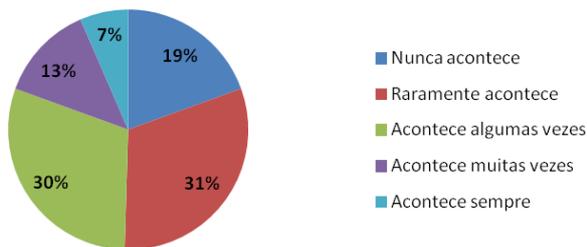
As características apontadas evidenciam a importância que os alunos dão às qualidades profissionais e humanas dos professores. Assim, a característica “Explicar ou ensinar bem” foi mencionada em 73 questionários; ser divertido, bem-humorado ou brincalhão, foi registada em 33 respostas e ser simpático surge por 23 vezes. A característica “Ser amigo” foi mencionada 19 vezes; “ser exigente e manter a disciplina” surge em 11 questionários, bem como, “Ser educado e respeitar os alunos”. Por último, a capacidade de ser um bom comunicador e bom ouvinte que surge em 9 respostas.

Com vista a podermos ter uma perceção do tipo de comportamentos que os alunos têm em sala de aula foram elencados alguns comportamentos recorrentes e foi solicitado que os ordenassem segundo a frequência com que acontecem na sua sala de aula. Assim, à pergunta: **“Dos comportamentos que de seguida apresentamos, quais são os que os teus colegas costumam ter na tua sala de aula”** foram obtidos os seguintes resultados:

Quase metade dos alunos inquiridos (42%) refere que este é um comportamento que acontece algumas vezes e 21% refere mesmo que acontece muitas vezes. 18% menciona que raramente acontece, 12% que acontece sempre e apenas 8% refere que nunca acontece.

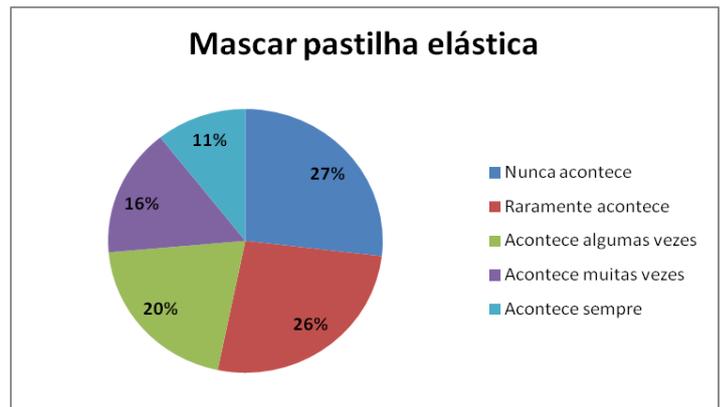


### Não obedecer à primeira ordem do professor

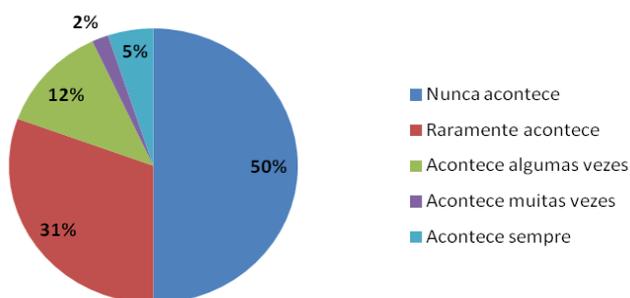


Relativamente ao comportamento “Não obedecer à primeira ordem do professor”, 50% dos alunos inquiridos refere que raramente ou nunca acontece; 30% afirma que acontece algumas vezes, 13% que acontece muitas vezes e apenas 7% considera que acontece sempre.

“Mascar pastilha elástica” é um comportamento que os alunos identificam como nunca acontecer ou raramente acontecer (53%). 20% afirma que o referido comportamento acontece algumas vezes e 16% que acontece muitas vezes.



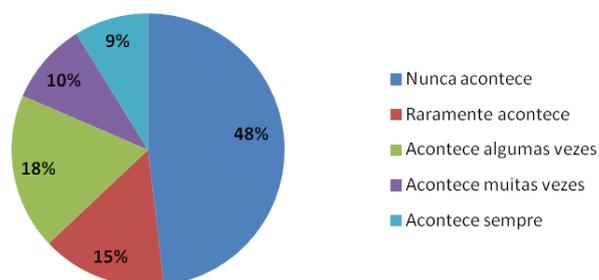
### Usar boné ou chapéu



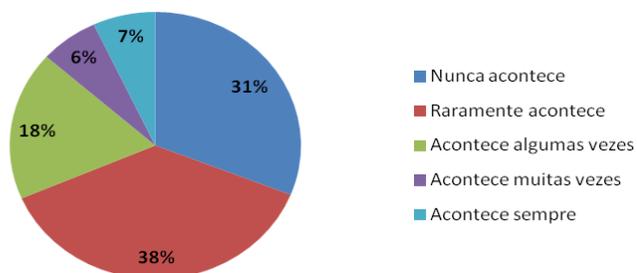
Podemos constatar que este comportamento não é reconhecido pelos inquiridos como usual na sala de aula, uma vez que metade dos alunos o indicou como “nunca acontece” e 31% como “raramente acontece”.

O uso de telemóvel ou outro dispositivo na sala de aula surge com 48% dos alunos inquiridos a responderem que “nunca acontece”. No entanto, se analisarmos as categorias “Acontece algumas vezes”, “Acontece muitas vezes” e “Acontece sempre”, estas perfazem 37% dos inquiridos.

### Usar telemóvel ou outros dispositivos



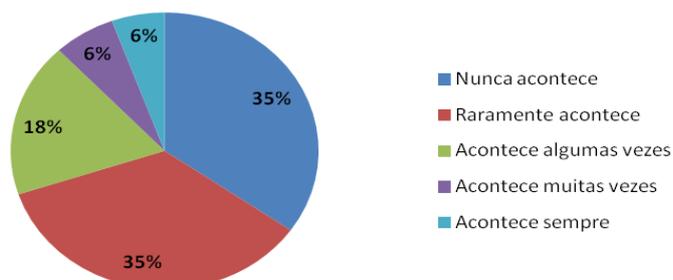
### Tratar mal um colega



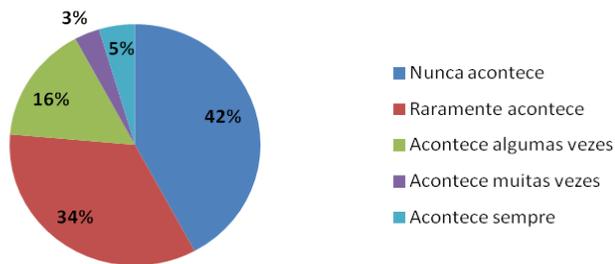
Relativamente ao comportamento “Tratar mal um colega”, 69% dos alunos inquiridos considera que se trata de um comportamento que nunca ou raramente acontece na sua sala de aula e 18% que acontece algumas vezes.

70% dos alunos assinalou que nunca ou raramente acontece esta situação em sala de aula, 18% referem que acontece algumas vezes e 12% afirmam que acontece muitas vezes ou sempre.

### Dizer palavrões



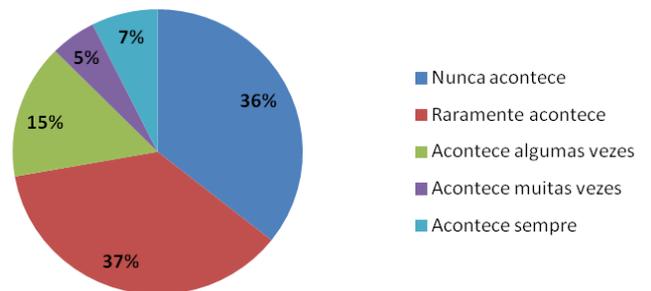
### Recusar fazer as atividades sugeridas pelo professor



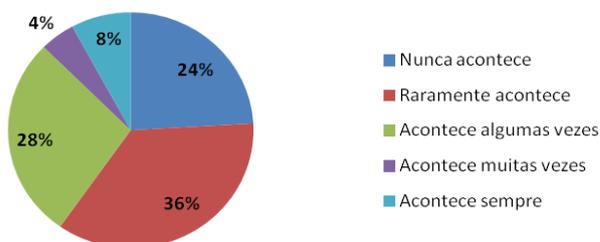
Também esta situação é referida como nunca ou raramente acontecer por 76% dos inquiridos.

Os alunos reconhecem que faltar muito às aulas não é uma situação que aconteça muito. 73% dos alunos inquiridos assinalaram “Nunca acontece” ou “Raramente acontece”.

### Faltar muito às aulas



### Chegar com frequência atrasado às aulas



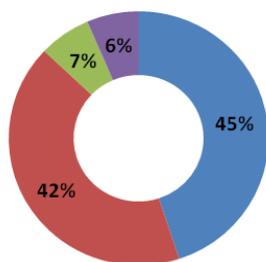
Há uma percentagem de 28% dos alunos que considera este comportamento como acontecendo algumas vezes. No entanto, 60% considera nunca ou raramente acontecer.

Na questão, “**Outros comportamentos que acontecem na aula e que não estão referidos na pergunta anterior:**”, são referidas situações de desatenção, conversas durante a aula, comer e atirar ou passar papéis.

Já na pergunta, “**Na tua opinião, qual é o grau de gravidade dos seguintes comportamentos**”, foram obtidos os seguintes resultados para cada contexto apresentado:

### Falar em voz baixa

■ Nada grave ■ Pouco grave ■ Grave ■ Muito grave

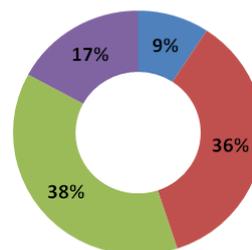


Há uma percentagem de 13% dos alunos que considera este comportamento grave ou muito grave. No entanto, 87% considera-o pouco ou nada grave.

Há uma percentagem de 17% dos alunos que considera “Trocar mensagens e papelinhos” um comportamento muito grave, enquanto 74% o considera grave ou pouco grave. Apenas 9% o considera “nada grave”.

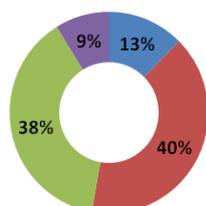
### Trocar mensagens e papelinhos

■ Nada grave ■ Pouco grave ■ Grave ■ Muito grave



### Fazer perguntas pouco adequadas na aula

■ Nada grave ■ Pouco grave ■ Grave ■ Muito grave

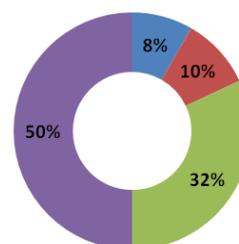


Perante o comportamento “Fazer perguntas pouco adequadas na aula”, 53% dos inquiridos considera-o pouco ou nada grave, 38% considera-o grave e 9% muito grave.

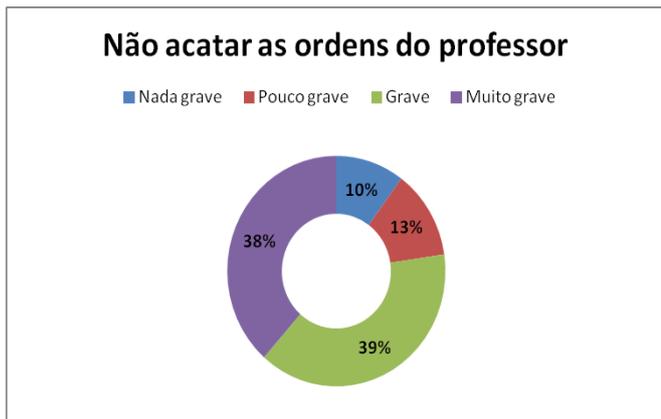
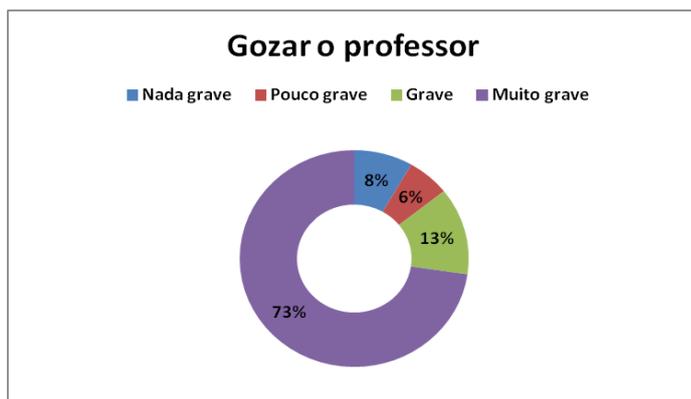
“Gozar com os colegas” é considerado um comportamento muito grave por 50% dos alunos inquiridos, enquanto que 32%, o consideraram grave e 18% pouco grave e nada grave.

### Gozar os colegas

■ Nada grave ■ Pouco grave ■ Grave ■ Muito grave



“Gozar com o professor” é considerado um comportamento muito grave ou grave, por 86%, dos alunos. 14% referem-no como pouco grave ou nada grave.

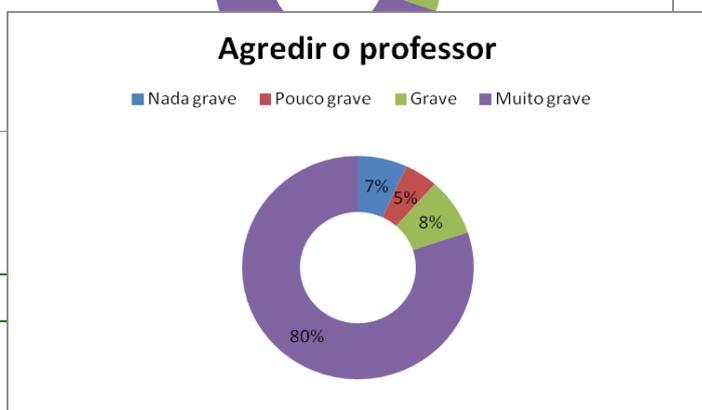
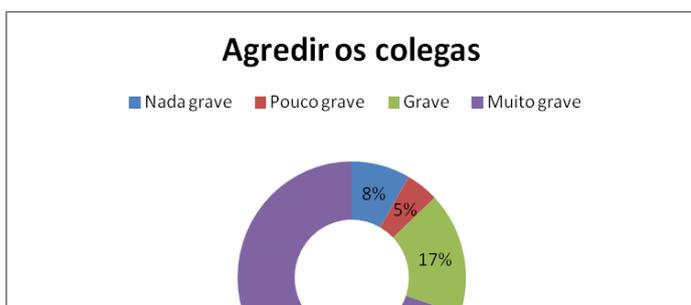


Relativamente ao comportamento “Não acatar as ordens do professor”, 77% dos inquiridos considera-o um comportamento grave ou muito grave. 13% refere-o como um comportamento pouco grave e 10% como nada grave.

“Recusar-se a trabalhar” é considerado muito grave por 41% dos alunos; 37% consideraram-no grave, 14% pouco grave e 8% nada grave.



De salientar que o comportamento “Agredir os colegas” é considerado muito grave por 70% dos alunos inquiridos; 17% consideraram-no grave, 5% pouco grave e 8% nada grave.

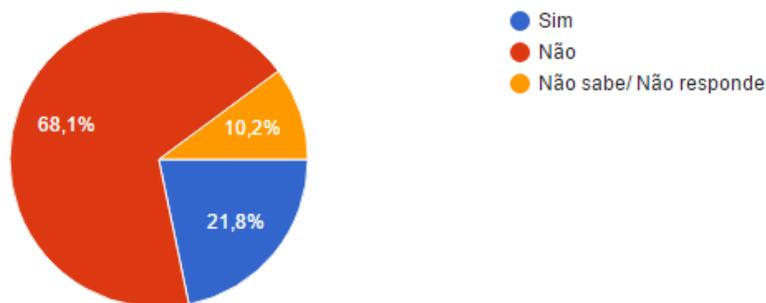


“Agredir o professor” é considerado muito grave por 80% dos alunos; 8% consideraram-no grave, 5% pouco grave e 8% nada grave.

Para termos uma perceção do que os alunos pensam sobre a reação dos professores perante situações de comportamento indisciplinado questionamos: **“Quando um aluno da tua turma tem um comportamento indisciplinado na sala de aula, como reagem a maioria dos professores?”** e obtivemos as seguintes reações como as mais nomeadas pelos alunos:

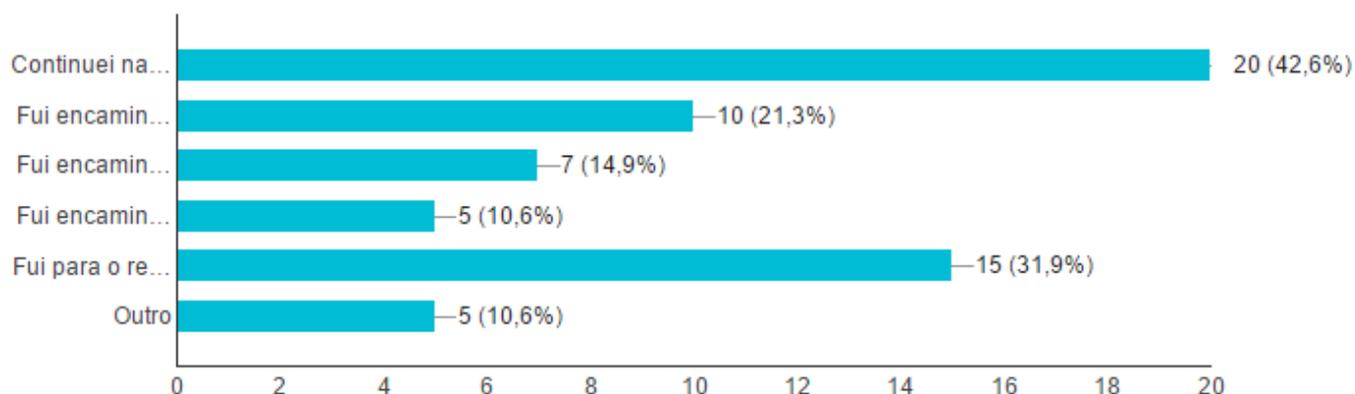
Reações	
Não faz nada	12
Marca falta	22
Aplica um castigo	19
Fica zangado	16
Mandam para a rua	44
Reagem mal	36
Expulsam da sala	23

Quando questionados se **“Já alguma vez tiveste uma falta disciplinar?”**, 47 alunos responderam que sim, correspondendo a 21,8% dos inquiridos.

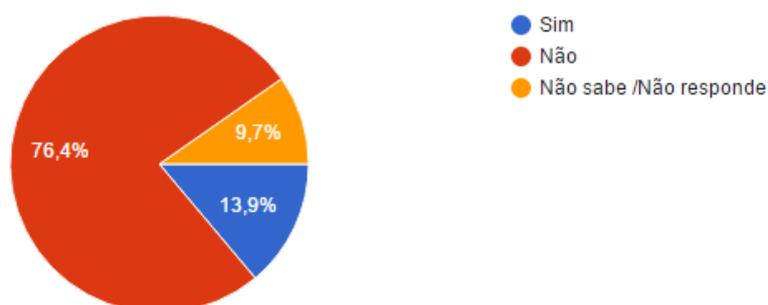


A estes alunos foi também questionado **“Para onde foste?”**, quando te foi marcada falta disciplinar, ao que grande parte dos alunos referiu que ficou na sala (42,6%) ou, então, que foi para o recreio (31,9%). 21,3% alunos foram encaminhados para o GAAF/Aula de Convivência e 14,9% alunos

afirmam terem sido encaminhados para a Biblioteca. Por fim, 10,6% alunos foram encaminhados para a Sala de Estudo e outros 10,6% alunos referem outro tipo de encaminhamento.

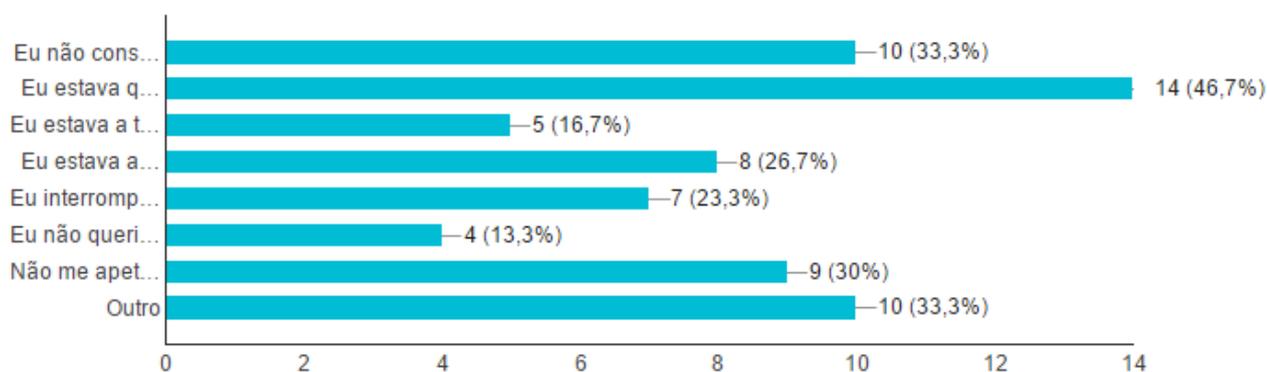


Perante a pergunta **“Já alguma vez tiveste uma ou mais participações disciplinares no teu percurso escolar?”** os alunos responderam na sua maioria (76,4%) que não, como se constata no gráfico abaixo.



De salientar que há um número ainda significativo de alunos (21) que não sabem se já tiveram ou não, uma falta disciplinar (9,7%).

Aos alunos que tinham referido já ter tido uma falta disciplinar, foi-lhes pedido que indicassem o(s) motivo(s) que a teriam originado e os resultados foram os seguintes:



Os motivos “Eu estava quase sempre distraído” e “Eu não conseguia estar quieto” são os mais referidos pelos alunos com 46,7% e 33,3% de respostas, respectivamente. São ainda apontados por 26,7% dos alunos o uso do telemóvel na sala de aula; a interrupção da aula com atitudes agressivas (verbais e ou

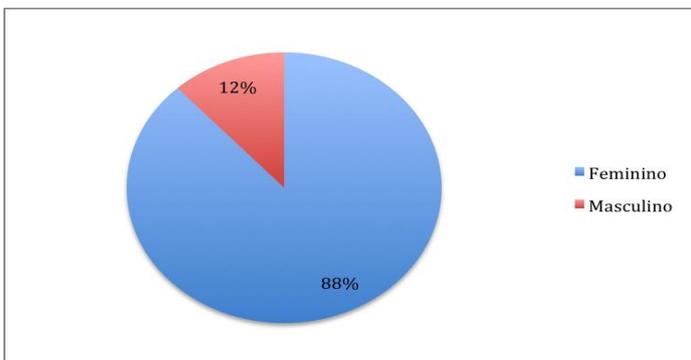
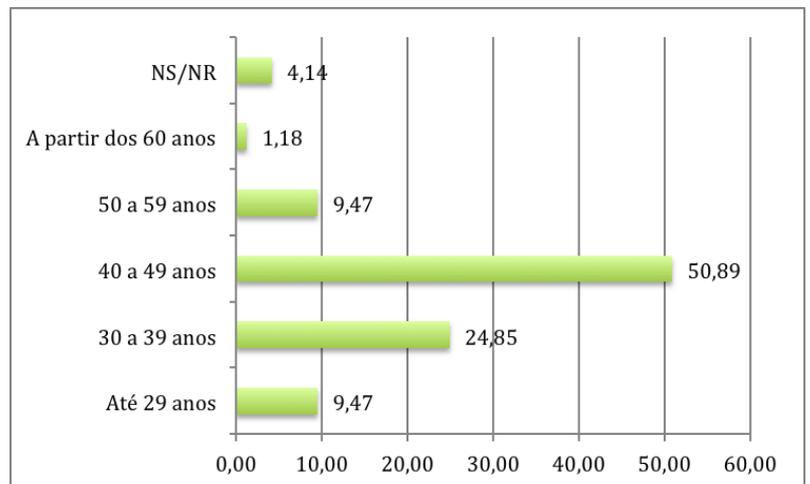
físicas) 23,3% dos inquiridos com falta disciplinar. 16,7% dos alunos dizem estar a trocar mensagens e papelinhos. Por fim, 13,3% não queriam trabalhar em grupo.

Numa última questão foi pedido aos alunos para dizerem **“Que estratégias sugerias à Direção da escola para combater a indisciplina no contexto escolar?”**. Assim, as estratégias mais sugeridas por parte dos alunos foram a atribuição de “castigos, trabalhos ou atividades”; haver uma “direção mais atenta”; “ouvir os alunos”; serem “mais rígidos com a indisciplina” e “chamar os pais” como estratégias que seriam boas formas, na opinião da maioria dos alunos inquiridos, para combater a indisciplina na escola.

Menções
Castigos / trabalhos / atividades
Direção mais atenta
Ouvir os alunos
Mais rígidos com a indisciplina
Chamar os pais

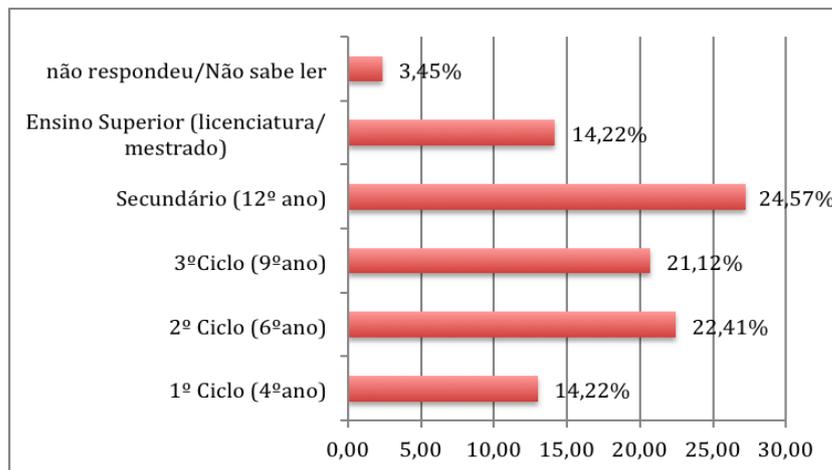
### 4.3. Encarregados de educação

Relativamente às questões de identificação deste grupo: idade; sexo; habilitação e profissão. A análise dos resultados permitiu constatar que relativamente à idade, a grande maioria (50,89%) dos encarregados de educação se encontra na faixa etária entre os 40 e 49 anos, como se pode ver no gráfico seguinte.



Já em relação ao sexo dos encarregados de educação, a esmagadora maioria (88%) é do sexo feminino como é facilmente visível no gráfico.

Relativamente às habilitações literárias dos encarregados de educação, elas repartem-se pelo leque que a seguir se elenca, destacando-se o ensino secundário como o mais frequente (24,7%) e o ensino superior que já representa, entre os inquiridos, 14,22%.



No que concerne às profissões dos encarregados de educação inquiridos, podemos verificar que existe um número diversificado de profissões, sendo de salientar que 29,59% dos inquiridos têm como ocupação doméstica; 7,7% são docentes e educadores de infância; 2,37% dos inquiridos trabalham em lares de idosos.

#### Profissões dos Encarregados de educação

Docente	5,92
Assistente Técnica	1,18
Assistente operacional	2,37
Tarefaira	3,55
Desempregado(a)	8,28
Doméstica	29,59
Operadora de supermercado	1,78
Ajudante de lar/assistente de lar	2,37
Agricultor(a)	1,18
Empresário(a)	1,18
Empregada(o) de balcão	2,37
Embaladora de armazém.	0,59
Empregado(a)	4,14
Educadora de Infância	1,78
Economista	0,59
Enfermeira	1,18
Contabilista	1,18
Funcionário público	1,18
Escriturário (a)	0,59
Gerente	0,59
Cozinheiro (a)	0,59
Polícia	0,59
Militar da GNR	0,59
Dirigente da Inspeção Tributária	0,59
Operadora de multifunções	0,59
Auxiliar	4,14
Reformado	0,59

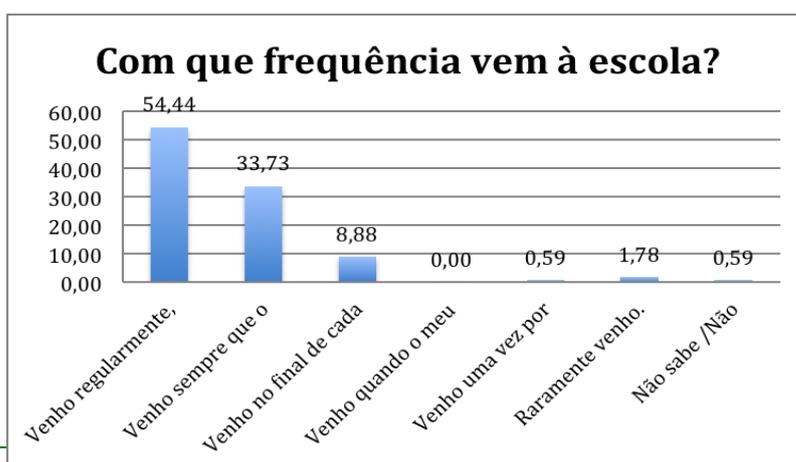
Jardineiro(a)	0,59
Técnico de saúde	0,59
Mediador de seguros/imobiliária	1,18
Cabeleireira	1,78
Pedreiro	0,59
Gestor(a)	0,59
Colaborador (a)	0,59
Técnico de vendas	0,59
Operadora de call center	0,59
Administrativo(a)	0,59
Outros	13,02

No que diz respeito às questões relacionadas com o assunto em análise o seu resultado foi o seguinte:

À questão **“Considera a escola importante na vida dos seus filhos?”**, a esmagadora maioria dos encarregados de educação (94,67) considera muito importante a escola para a vida dos seus filhos, destacando-se que em todo o universo de inquiridos, apenas um, assinalou a resposta “Não, não acho importante”.



Já na questão **“Com que frequência vem à escola?”**, podemos verificar que a maioria dos encarregados de educação afirma vir regularmente à escola (54,44%), resultado logo seguido pela resposta “Venho sempre que o Diretor de Turma chama” (33,73%).



Quando os inquiridos são questionados sobre as características essenciais que um professor deve ter, os encarregados de educação valorizam e por isso referem: “Ser compreensivo e paciente” (12,01%), “Exigente e rigoroso” (11,81%), “Ser bom profissional e competente” (11,01%), “Ser amigo” (10,24%) e mostrar “Atitude firme e disciplina” (10,23%).

De seguida os encarregados de educação foram questionados sobre os comportamentos que os seus educandos têm em sala de aula. Os inquiridos deviam classificar com as seguintes expressões: “acontece sempre”, “acontece muitas vezes”, “acontece algumas vezes”, “raramente acontece”, “nunca acontece” e “não sei” a frequência com acontecem determinados comportamentos.

Assim, 35% dos encarregados de educação consideram que algumas vezes acontece que os educando *falam sem pedir autorização ao professor*, já 54% considera que isso raramente ou nunca acontece.



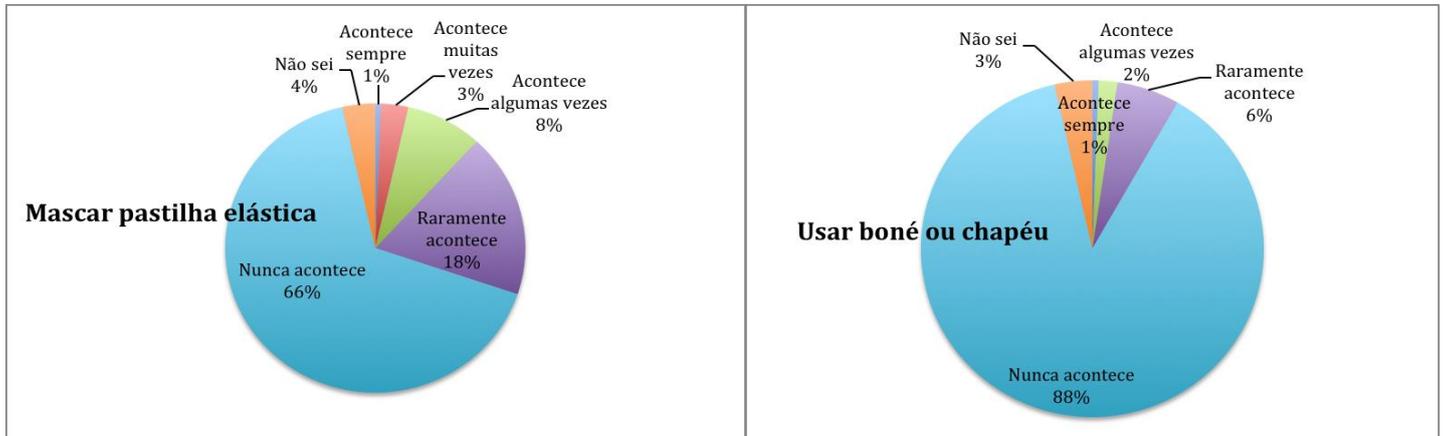
Já no comportamento “Não obedecer à primeira ordem do professor” 57%

#### Características essenciais que um professor

Exigente/ Rigoroso	11,81
Compreensivo/ Paciente	12,01
Ensinar bem	1,57
Simpático	1,57
Cativar/ Motivar	3,93
Boa expressão	1,57
Atitude firme/ Disciplina	10,23
Gostar do que faz.	3,14

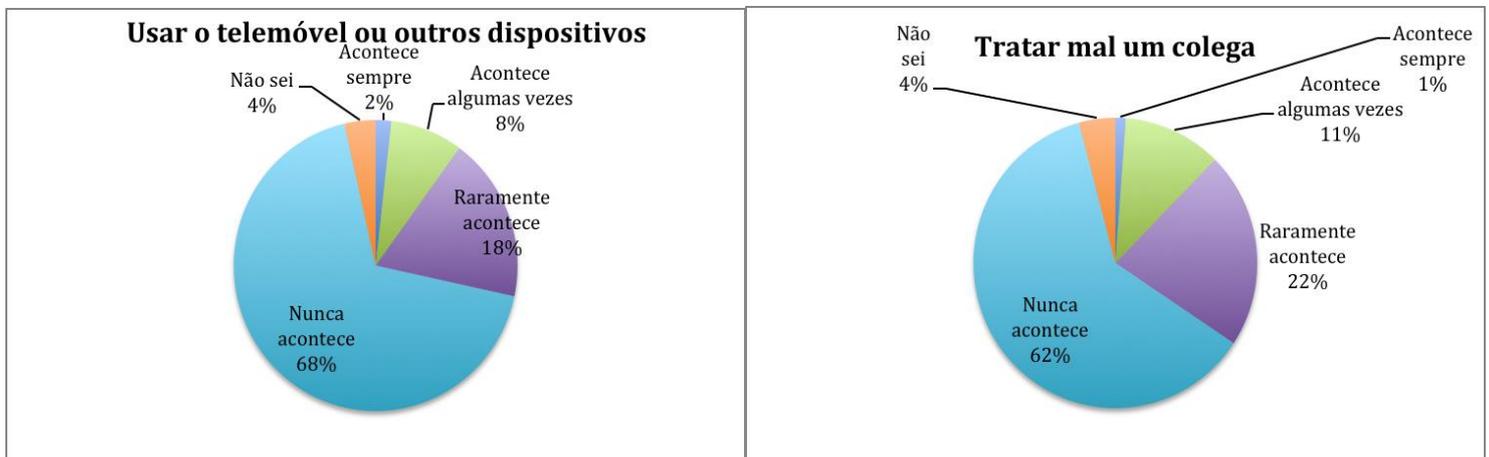
dos pais considera que os seus filhos nunca têm este tipo de comportamento e 22% que “raramente acontece”.

Segundo a grande maioria dos encarregados de educação inquiridos “ mascar pastilha elástica” (66%) ou “usar um boné” na sala de aula (88%) são comportamentos que nunca acontecem com os seus educandos.

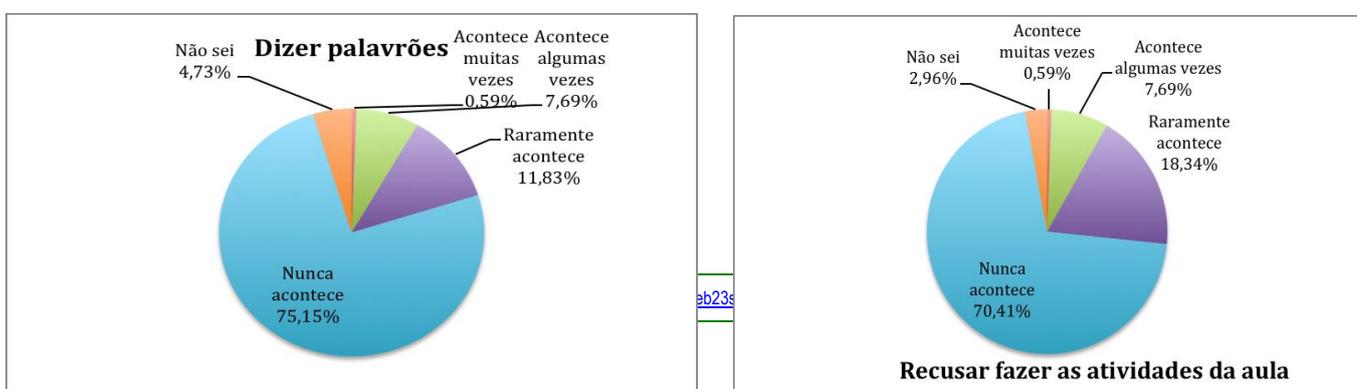


Os inquiridos também consideram, na sua maioria 68%, que “usar os telemóvel ou outros dispositivos” na sala de aula é uma coisa que nunca acontece com os seus filhos e 18% que raramente acontece.

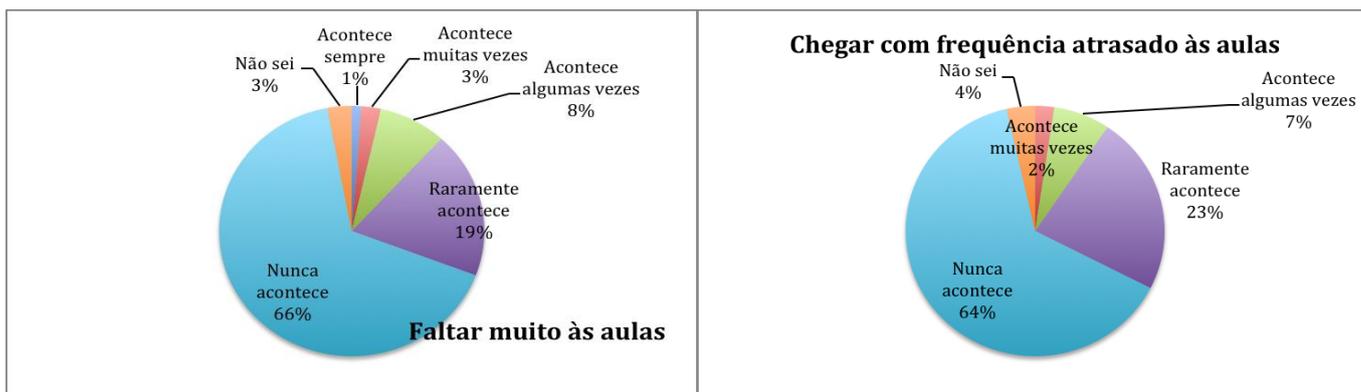
No âmbito dos comportamentos agressivos com os colegas, 84% dos inquiridos acha que este comportamento “nunca acontece” ou “raramente acontece”.



“Dizer palavrões” é, na opinião de 75,15% dos encarregados de educação inquiridos, um comportamento que nunca acontece, para 11,83% raramente acontece.



Já quando se os seus educandos se recusam a fazer as atividades sugeridas pelo professor, 70,41% respondem que isso “nunca acontece” e 18,34% que “raramente acontece”.



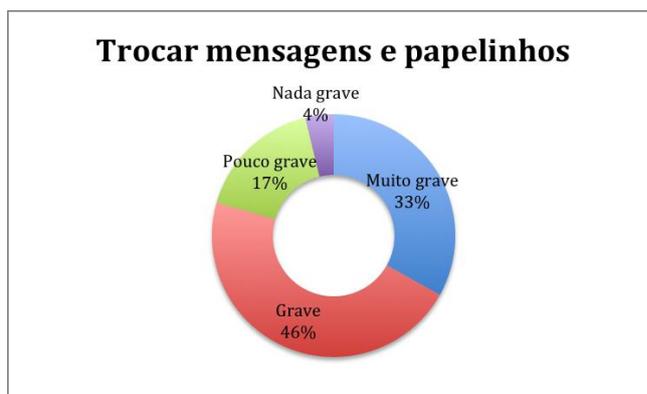
No âmbito da frequência às aulas, 1% dos encarregados de educação reconhecem que isso acontece sempre, 3% acontece muitas vezes, 8% acontece algumas vezes, mas a grande maioria, 85%, diz que isso nunca ou raramente acontece. 64% dos inquiridos acha que os seus educando nunca chegam atrasados às aulas e 23% que raramente isso acontece.

De seguida, era solicitado aos Encarregados de Educação que classificassem segundo uma escala



de gravidade uma série de comportamentos que por vezes ocorrem nas salas de aula. Assim, para a maioria dos pais, 82%, “falar em voz baixa” na sala de aula é um comportamento pouco ou nada grave.

É considerado mais grave pelos pais inquiridos o comportamento “trocar mensagens e papelinhos”, ao qual é dada a classificação de “muito grave” ou “grave” por 79% dos encarregados de educação.



Apesar de pelas repostas à pergunta anterior (tratar mal um colega) ser um comportamento que os pais consideram que não é tido pelos seus educandos,

“gozar com os colegas” é um comportamento “muito grave” segundo 66% dos pais.

Já o comportamento “Gozar com o professor” reunue um menor número de consensos, mas é considerado pela maioria dos EE como um comportamento “Muito grave”



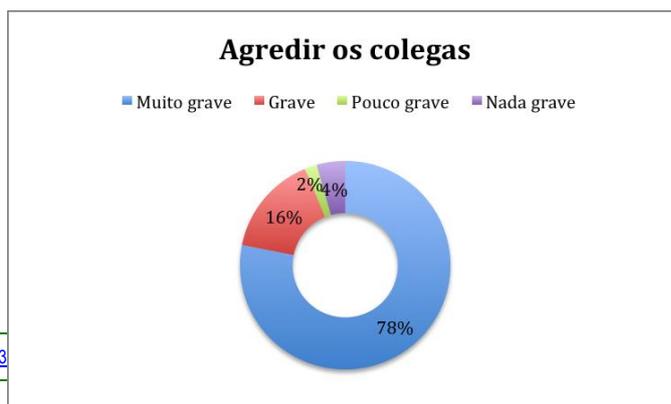
“Fazer perguntas pouco adequadas à aula” é considerado “grave” por 51% dos questionados.

Já “Não acatar as ordens do professor” é considerado “muito grave” por 66% dos pais.

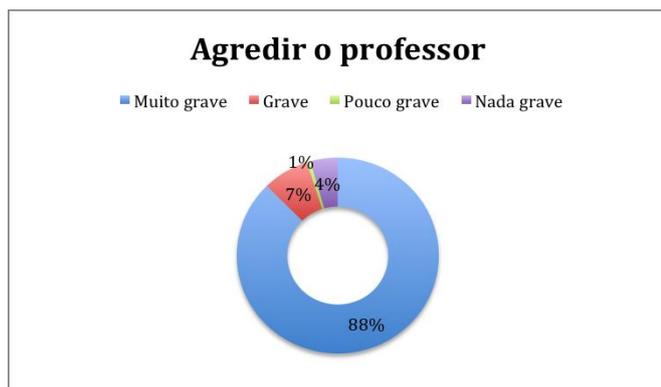


65% dos encarregados de educação julga que “recusar-se a trabalhar” é uma atitude “muito grave”.

Embora não se verifique unanimidade, mas agredir os colegas é considerado por 78% dos inquiridos um comportamento “muito grave”. Ainda, de



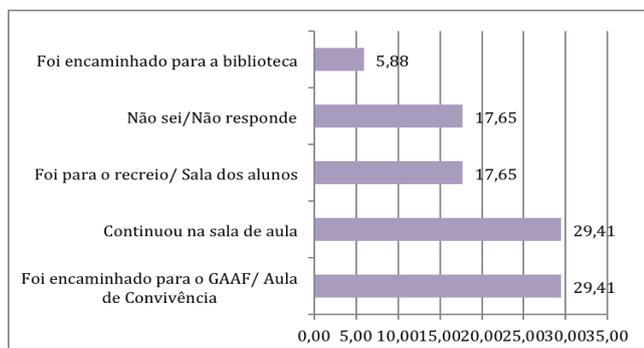
mencionar o facto de 4% dos pais não considerar este comportamento “nada grave”.



“Agredir o professor” é considerado por 88% dos inquiridos um comportamento “muito grave”, mas uma vez mais, há 4% dos inquiridos que considera este comportamento “nada grave”.

De seguida, os encarregados de educação são inquiridos sobre as faltas e participações disciplinares.

Quando perguntamos aos pais se o seu educando já teve alguma falta disciplinar a maioria diz que não (89%).



À pequena percentagem que respondeu “sim”, perguntámos se sabia para onde tinha ido o seu filho, depois da marcação da falta. 29,43% diz que continuou na sala de aula; 29,43% foi encaminhado para o GAAF/Aula de Convivência, 17,65% foi para o recreio/sala dos alunos e 5,88% foi encaminhado para a Biblioteca.

Segundo os pais, 91% dos seus filhos nunca teve nenhuma participação disciplinar.

Aos 9% que referiram que os seus filhos já haviam tido uma ou mais participações, perguntámos sobre os motivos: 30% respondeu que seu filho interrompeu a aula com atitudes agressivas, outros 30% que o seu filho “estava



quase sempre distraído” e 10% que o seu filho “não conseguia estar quieto”.

Por fim, solicitámos aos Encarregados de Educação que sugerissem estratégias para a Direção da Escola combater a indisciplina no contexto escolar. Uma das estratégias mais vezes sugeridas pelos pais foi “dar mais castigos”, mencionada por 15,2% dos inquiridos. Responsabilizar/falar com os pais/EE foi sugerido por 10,4%. 4,8% diz que “o exemplo deve vir de casa” e 4% refere que devemos propôr mais formação parental aos pais.

Por fim, que estratégias sugeria à Direção da escola para combater a indisciplina no contexto escolar?

Responsabilizar/falar com os pais/EE	10,4
Dar mais castigos	15,2
Ser mais rigorosos	6,4
Ajudar nas tarefas de limpeza, na cantina ou outros espaços da escola.	4
"O exemplo vem de casa"	4,8
Mais vigilância	3,2
Dar um castigo adequado	3,2
Serem expulsos	1,6
Formação parental	4
Estar mais presente na vida dos alunos	0,8
Não ser tolerante	0,8
Fazer mais atividades lúdicas que cativassem a atenção dos alunos e os incentivassem na aprendizagem. Redução dos TPC's.	1,6
Recolha dos telemóveis à entrada da sala de aulas.	1,6
Não sei	4,8
Não respondeu	29,6

Outros pais deixaram as seguintes sugestões: “Falar com os alunos, pais e professores em simultâneo”; “Exigir respeito e educação aos alunos, punindo-os caso não o façam”; “manter os alunos motivados (se necessário incluir pausas para descontrair). Estabelecer limites claros. Incluir no currículo atividades não direcionadas com a avaliação de conhecimentos”; “Turmas mais pequenas, mais funcionários e formação aos Encarregados de Educação”; “Colocá-los a estudar, não os deixar ir ao recreio”; “É importante que os alunos gostem da escola, deve haver iniciativas para manter os alunos em convívio, assim como algumas atividades extracurriculares”; “Colocar câmaras em todos os pavilhões e punir os alunos no dia seguinte ao acontecido”; “Trabalho comunitário dentro da escola adequado à sua idade e ao motivo da indisciplina”; “Mais apoio, ou mais aulas”.

Há também pais que reconhecem o trabalho que está a ser feito e dizem: “Acho que a forma usada, havendo um aluno da semana, incentivando os alunos a um bom comportamento, trabalhos de casa feitos, bom comportamento no intervalo, é uma boa estratégia”.

O inquérito por questionário aos parceiros da escola, tinha apenas questões abertas e começava pela pergunta: “**Quais foram os principais objectivos da parceria estabelecida com a Escola?**”.

Como se tratam de instituições diferentes cada uma tem os seus próprios objetivos, assim, para os Bombeiros Voluntários os objetivos prendiam-se com a segurança do espaço escolar e a formação em contexto de trabalho no âmbito dos estágios do curso vocacional. Já para a Santa Casa da Misericórdia os objetivos destacados relacionam-se com o contato com novas realidades e a partilha de ideias e projetos. A Guarda Nacional Republicana procura, no âmbito desta parceria, promover a segurança rodoviária e a segurança na Internet; prevenir situações de Bullying e consumo de estupefacientes; assim, como a proteção ambiental. A Câmara Municipal pretende contribuir para o combate ao abandono escolar e garantir o sucesso escolar das crianças e jovens. Por fim, o Centro de Saúde destacou como principais objetivos: melhorar o nível de literacia em saúde; promover a adoção de estilos de vida saudáveis e reduzir a prevalência de problemas de saúde e de comportamentos de risco.

**Quando lhes era solicitado para enumerarem algumas vantagens de ser parceiro da Escola,** as diversas instituições destacaram a vantagem de realizar ações preventivas junto das crianças e jovens; para a GNR e Centro de Saúde as atividades desenvolvidas em parceria com a escola permitem a prevenção precoce de diversas situações de risco; para os bombeiros possibilita estar mais próximo das crianças e jovens e permite a captação de novos elementos para o exercício deste tipo de voluntariado; a Santa Casa da Misericórdia destaca a possibilidade dos alunos se sentirem integrados na comunidade, “permitindo o contacto com as pessoas e realidades diferentes que permitem enriquecer o desenvolvimento dos intervenientes”; a Câmara Municipal refere que, através desta parceria, “é-nos possível monitorizar os objectivos e avaliar o desempenho da escola, podendo assim agir proactivamente”.

Contrapondo esta questão, solicitámos também que nos enumerassem algumas desvantagens da parceria com a Escola, mas as cinco instituições não consideram que existam inconvenientes, apenas algumas coisas podiam ser melhoradas, o Centro de Saúde gostaria de ver algumas dificuldades na implantação de alguns projetos importantes para a promoção da saúde ultrapassadas.

Partindo da concepção que as **atividades desenvolvidas na escola devem promover o desenvolvimento global dos alunos, perguntámos aos parceiros da Escola, de que modo as atividades desenvolvidas por eles, na Escola, o fazem.** Os Bombeiros Voluntários destacaram a importância de alertar os alunos para as questões da Proteção Civil, a relevância que os bombeiros têm na comunidade e de que forma os alunos podem exercer uma cidadania ativa. Para a Santa Casa da Misericórdia o contato com outras realidades, outras formas de trabalhar é muito importante para os alunos. Já a Câmara Municipal, lembra que esta parceria se cimenta numa ação concertada com a Direção da Escola e que garante “uma melhor qualidade de ensino e trabalho de equipa”. Quer a GNR, quer o Centro de Saúde destacam a

importância da transmissão de conhecimentos sobre os diversos comportamentos de risco como forma de promover o desenvolvimento integral dos alunos e modo de evitar problemas de saúde, comportamentos aditivos, etc.

Questionámos também os parceiros relativamente à **forma como é feita a avaliação das atividades desenvolvidas com a Escola e se essa avaliação é partilhada**. Os Bombeiros Voluntários referiram que, por exemplo, quando desenvolvem simulacros, são efectuadas reuniões com os respectivos diretores para referir o que correu bem, o que correu menos bem e o que poderá ser melhorado. A Santa Casa da Misericórdia faz uma avaliação, embora não em registo escrito, mas a avaliação é partilhada de forma oral. A Câmara Municipal avalia as atividades desenvolvidas em parceria “pelo número de alunos que as atividades integram e pelo testemunho de todos os participantes” e a essa avaliação é partilhada com a Escola, pois quase diariamente é mantido “um contacto com o Sr. Diretor para avaliação das atividades, mas também transmissão de constrangimentos”. A avaliação das atividades desenvolvidas pela GNR é feita por uma equipa (SPE), que é quem divulga os resultados destas ações. Por fim, no que diz respeito às atividades desenvolvidas pelo Centro de Saúde, é a Direção Geral de Saúde que publica relatórios com os resultados destas atividades a nível nacional.

Na última questão, pedíamos aos parceiros que deixassem **algumas sugestões que permitam melhorar a relação de parceria com a Escola**. Assim, os Bombeiros Voluntários sugeriram a criação de um curso vocacional de bombeiro. A GNR considera que a escola deverá informar quando há casos de consumo de drogas por parte dos alunos e casos de bullying. O Centro de Saúde referiu a necessidade de haver uma maior articulação e diálogo.

Por fim, a Câmara Municipal mencionou apenas que “a Escola encontra-se a realizar um caminho, com vista aos objectivos enunciados e julgo que os resultados que têm vindo a ser alcançados dão-nos a indicação que estamos a percorrer o trajeto necessário”.

## 5. Conclusão

À Comissão de Avaliação compete apontar alguns aspetos que devem ser objeto de reflexão e análise nas diversas estruturas no sentido de que tudo o que se faz no Agrupamento possa ser ainda mais produtivo e menos burocrático, tendo sempre como foco principal o sucesso de todos.

Assim, apresenta esta Comissão uma série de aspetos que à luz dos domínios e ações avaliados devem, em seu entender, ser tidos em linha de conta.

### Pontos Positivos:

- Forte valorização da Escola, quer por parte dos alunos, quer por parte dos Encarregados de Educação (83,4% dos alunos inquiridos referem que a escola é para eles importante ou muito importante e 94,67% dos pais referem que a escola é muito importante para os seus filhos, ao contrário do que era esperado pelo grupo dos docentes).;
- Grande coerência nas concepções dos comportamentos mais graves e os alunos devem evitar na sala de aula, pelos vários grupos inquiridos;
- Situações de indisciplina grave são muito raras, pois os comportamentos que acontecem mais vezes nas salas de aula, são os comportamentos considerados menos graves, como o “falar sem pedir autorização”. Para alunos, docentes e encarregados de educação comportamentos como: “mascar pastilha”, “usar boné ou chapéu”, “dizer palavrões”, “usar telemóvel ou outros dispositivos”, “recusar fazer atividades sugeridas pelo professor”, “chegar atrasado às aulas”, “faltar muito às aulas” são comportamentos que nunca ou raramente se verificam nas salas de aula da escola.
- As parcerias com instituições do concelho são, na ótica dos próprios parceiros, vantajosas para os alunos e valorizadas pelas instituições inquiridas;

### Pontos a Melhorar:

- Como estratégias de combate à indisciplina, docentes e encarregados de educação recomendam que os pais sejam mais responsabilizados pelos comportamentos “inadequados” dos filhos e sejam mais vezes chamados à escola quando eles acontecem.

**A Comissão de Avaliação Interna:**

Rep. do Departamento das Ciências Sociais e Humanas	Rui Manuel Correia Santos Gaspar	
Rep. do Departamento de Línguas	Maria Leónia do Carmo Oliveira	
Rep. do Departamento de Expressões	Maria Isabel Santos	
Rep. do Departamento de Matemática	Sérgio Manuel de Moura Rebelo	
Rep. do Departamento do 1º Ciclo	Jorge Manuel Gonçalves	
Rep. do Departamento do Pré-Escolar	Lourdes Sarmento	
Rep. dos Assistentes Técnicos e Operacionais	Benjamim Moura	
Técnica Especializada (TEIP)	Cátia Maria Pinto Carminé	
Técnica Especializada (TEIP)	Florabela da Costa Pinto	
Coordenadora Projeto TEIP	Olga Maria dos Santos Pinto Carminé	

Tarouca, 10 outubro de 2016

Coordenador da Comissão de Avaliação Interna

Rui Gaspar